

AS UNIDADES FRASEOLÓGICAS NO VOCABULÁRIO DE EULÁLIO MOTTA

THE PHRASEOLOGICAL UNITS IN THE VOCABULARY OF EULÁLIO MOTTA

Liliane Lemos Santana Barreiros¹

Célia Marques Telles²

lilianebarreiros@uefs.br

cmtelles@ufba.br

RESUMO: Trata-se de um estudo de algumas das 134 unidades fraseológicas identificadas no *Vocabulário de Eulálio Motta* (Barreiros, 2017) e classificadas, de acordo com a taxonomia proposta por Corpas Pastor (1996), em três esferas: Esfera I – Colocações; Esfera II – Locuções; e Esfera III – Enunciados fraseológicos (parêmias e fórmulas de rotina). Essas combinações lexicais são sequências complexas, mais ou menos fixas, formadas por dois ou mais vocábulos ou até mesmo de frases inteiras, cujo sentido geralmente é entendido pelo conjunto de seus componentes, ou seja, o significado do todo nem sempre corresponde à soma do significado das partes. Ressalta-se que os diversos tipos de estruturas pré-fabricadas utilizadas pelos falantes em suas produções linguísticas contribuem para a formação, para o funcionamento e para o desenvolvimento da linguagem. Além disso, as pesquisas voltadas para os usos linguísticos de escritores canônicos e não canônicos têm possibilitado um maior conhecimento sobre o autor, a sua produção bibliográfica, e redimensionado os estudos sócio-históricos, políticos e culturais de um determinado lugar, em uma determinada época.

PALAVRAS-CHAVE: Eulálio Motta; lexicografia; unidades fraseológicas.

ABSTRACT: It is a study of some of the 134 phraseological units identified in the *Vocabulary of Eulálio Motta* (Barreiros, L., 2017) and classified, according to the taxonomy proposed by Corpas Pastor (1996), in three areas: Sphere I – Placements; Sphere II – Locutions; And Sphere III – Phraseological statements (parodies and routine formulas). These lexical combinations are complex sequences, more or less fixed, formed by two or more words or even whole phrases, whose meaning is generally understood by the set of its components, that is, the meaning of the whole does not always correspond to the sum of the meaning of the parties. It is emphasized that the different types of prefabricated structures used by the speakers in their linguistic productions contribute to the formation, functioning and development of language. In addition, research on the linguistic uses of canonical and non-canonical writers has made possible a greater knowledge about the author, his bibliographic production, and the socio-historical, political and cultural studies of a certain place in a given period.

KEYWORDS: Eulálio Motta; lexicography; phraseological units.

¹ Doutora; Professora com Dedicção Exclusiva da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS.

² Doutora; Professora aposentada, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia - UFBA. Pesquisadora do CNPq.

INTRODUÇÃO

O escritor Eulálio de Miranda Motta nasceu em Mundo Novo-BA, em 1907, e faleceu em 1988. Farmacêutico de profissão, mas com alma e pena de escritor, o Dr. Eulálio, como era conhecido, conciliava sua atividade literária com as demandas da fazenda, com o trabalho na farmácia e com a agitada vida política. Ele escreveu poesias, crônicas, cordéis, causos e contribuiu para diversos jornais do interior da Bahia, sendo as questões sociais, políticas, econômicas e culturais do sertão baiano, as temáticas mais recorrentes de seus textos.

De 1931 a 1932, Eulálio Motta foi responsável pela coluna *Rabiscos*, do jornal *Mundo Novo*. De 1933 a 1942, colaborou com o jornal *O Lidador*, de Jacobina-BA. De 1950 a 1951, participou ativamente do jornal *O Serrinhense*, de Serrinha-BA. Na década de 1960, publicou nos jornais *Gazeta do Povo*, de Feira de Santana-BA, *Folha do Norte*, de Morro do Chapéu-BA, e *Vanguarda*, de Jacobina-BA. Além disso, foi responsável pela produção e distribuição de centenas de panfletos em Mundo Novo. Seus textos circularam pela cidade desde o início da década de 1930 até o ano do seu falecimento, em 1988.

O interesse em estudar o léxico do escritor Eulálio Motta surgiu durante a escrita da dissertação *Bahia Humorística de Eulálio de Miranda Motta: edição e estudo lexical de causos sertanejos* (Barreiros, 2012). Na ocasião, apresentou-se a edição dos *causos* e um vocabulário organizado em seis campos lexicais: *Partes do corpo humano*; *Alimentos*; *Males sertanejos*; *Utensílios de cozinha*; *Instrumentos utilizados nas atividades do campo*; e *Meios de transporte*. Esse trabalho foi redimensionado e publicado em formato de livro com uma edição acessível para o público não especializado (Barreiros, 2016). Em continuidade, no Doutorado, apresentou-se o *Vocabulário de Eulálio Motta*, numa perspectiva semasiológica (Haensch, 1982), devido à extensão do *corpus* trabalhado e à diversidade de tipologias textuais, sendo lematizadas 505 lexias simples, 61 compostas e 134 complexas (Pottier, 1977 [1974]), totalizando 700 unidades léxicas (Barreiros, 2017).

No presente artigo, realiza-se um estudo de algumas das 134 unidades complexas identificadas no *Vocabulário de Eulálio Motta*. Estas, por sua vez, foram classificadas em três esferas, de acordo com a taxonomia proposta por Corpas Pastor (1996): Esfera I – Colocações; Esfera II – Locuções; e Esfera III – Enunciados fraseológicos (parêmsias e fórmulas de rotina).

1. O ESTUDO DO VOCABULÁRIO DE EULÁLIO MOTTA

Estudar o léxico dos textos de Eulálio Motta implica acessar uma instância linguística em que estão manifestas as formas de pensar, de apreender e de categorizar a realidade, crenças, valores, hábitos, enfim, um ponto da interlocução entre língua e cultura sob a ótica do escritor. Desse modo, pesquisar o léxico de uma comunidade por meio da produção escrita de um sujeito significa desvendar os mistérios de sua história, de sua cultura e de suas relações sociais em um determinado período do tempo.

O vocabulário dos textos de Eulálio Motta revela-se como uma fonte significativa de informações sobre a linguagem regional e o universo sociocultural do sertão baiano e, a partir de estudos empreendidos nos manuscritos e impressos do escritor, percebeu-se que sua escrita evidenciava um uso peculiar do léxico. No seu processo de escrita, Eulálio Motta observava *in loco*, fazia anotações em cadernos e depois utilizava as informações coletadas para produzir seus textos. Ele recriava o cotidiano sertanejo, retomava cantigas tradicionais ligadas ao universo cultural do campo, explorava mitos e crenças populares, revelando o imaginário das comunidades locais.

Atualmente, o acervo de Eulálio Motta dispõe de 2.416 documentos, datados de 1910 até 1988, organizados, catalogados e sistematizados, sendo possível consultá-los no Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais (NeiHD), na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Diante da diversidade de documentos preservados no acervo do escritor, delimitou-se como *corpus* para a construção do *Vocabulário de Eulálio Motta* as publicações de textos em prosa, escritos em vida ou publicados postumamente, sendo: 36 textos publicados na coluna *Rabiscos* do jornal *Mundo Novo* (1931 a 1932); 17 textos publicados no jornal *O Lidador* (1933 a 1935); 45 textos publicados no jornal *O Serrinhense* (1950 a 1951); 24 textos publicados no jornal *Gazeta do Povo* (1960-1961); 43 panfletos escritos de 1949 a 1983 (Barreiros, 2015) e 50 *causos* que compõem *Bahia Humorística* escritos de 1933 a 1934 (Barreiros, 2016). Entende-se que essa seleção de 215 textos em prosa atende aos diversos suportes utilizados por Eulálio Motta para veiculação e divulgação de seus escritos.

2. COLOCAÇÕES, LOCUÇÕES E ENUNCIADOS FRASEOLÓGICOS NO VOCABULÁRIO DE EULÁLIO MOTTA

Os diversos tipos de estruturas pré-fabricadas utilizadas pelos falantes em suas produções linguísticas contribuem para a formação, para o funcionamento e para o desenvolvimento da linguagem. Dentre elas, destacam-se as combinações estáveis de palavras, generalizadas na língua e de grande importância para o processo de aquisição e aprendizagem tanto da língua materna como de uma segunda língua (Corpas Pastor, 1996). Essas combinações lexicais são sequências complexas, mais ou menos fixas, formadas por dois ou mais vocábulos ou até mesmo de frases inteiras, cujo sentido geralmente é entendido pelo conjunto de seus componentes. Desse modo, o significado do todo nem sempre corresponde à soma do significado das partes.

Para Biderman (2005), “o fenômeno da lexicalização de combinatórias lexicais (sintagmas discursivos) não se verifica de modo uniforme e reiterado e também logicamente estruturável” (Biderman, 2005, p. 747). Segundo a autora, a intuição dos falantes não é suficiente para determinar o grau de fixidez, extensão, estabilidade e a vitalidade do uso dessas combinatórias. Saussure em 1916, no *Cours de linguistique générale*, já chamava a atenção para essas combinações fixas de palavras, que para ele, são “[...] frases feitas, nas quais o uso proíbe qualquer modificação, mesmo quando seja possível distinguir, pela reflexão, as partes significativas” (Saussure, 2006 [1916], p. 144). O autor apontou para a necessidade de um estudo específico para essas unidades, destacando que tais combinações existem em grande número na língua e não podem ser improvisadas, pois são fornecidas pela tradição.

As primeiras definições de uma nova disciplina, a fraseologia, surgiram na década de 1930 com Polivánov, em 1931, e Abakúmov, em 1936, mas foi na década de 1940, que a fraseologia se desenvolveu como disciplina linguística. De acordo com Ortiz Alvarez (2000), é “a época do maior desenvolvimento das pesquisas dos linguistas russos nessa área, destacando-se Vinogradov (1938) como o primeiro a classificar sincronicamente as unidades fraseológicas do ponto de vista funcional” (Ortiz Alvarez, 2000, p. 71).

Corpas Pastor (1996, p. 16) sinaliza a existência de certa homogeneidade quanto ao uso do termo fraseologia para referir-se ao estudo das combinatórias léxicas, porém destaca que o problema se encontra em delimitar e em nomear o

objeto de estudo, ou seja, os diferentes tipos de combinatórias. No *Manual de fraseología española*, ela apresenta um panorama das denominações atribuídas às distintas combinações de palavras na tradição espanhola, tais como *expresión pluriverbal*, *expresión fija*, *unidad fraseológica o fraseologismo* etc., às quais se pode adicionar ainda, de acordo com o contexto teórico, frase feita, expressão idiomática, locução, entre outros termos empregados em língua portuguesa. Diante da variedade terminológica existente, Corpas Pastor descarta o termo *expressão fixa*, utilizada por Gross, em 1988, em seu estudo sobre *Les limites de la phrase figée*, porque enfatiza uma única característica (a fixação), e opta pela denominação ‘unidade fraseológica’ (UF). Corpas Pastor justifica a sua escolha por ser um termo genérico de grande aceitação na tradição europeia e nos demais países onde se investigam os sistemas fraseológicos das línguas. Para Corpas Pastor (1996),

[...] las *unidades fraseológicas* (UFS) – objeto de estudio de la fraseología – son unidades léxicas formadas por más de dos palabras gráficas en su límite inferior, cuyo límite superior se sitúa en el nivel de la oración compuesta. Dichas unidades se caracterizan por su alta frecuencia de uso, y de coaparición de sus elementos integrantes; por su institucionalización, entendida en términos de fijación y especialización semántica; por su idiomatidad y variación potenciales; así como por el grado en el cual se dan todos estos aspectos en los distintos tipos³ (Corpas Pastor, 1996, p. 20).

O termo fraseologia é polissêmico, podendo referir-se a dois conceitos diferentes, embora complementares: por um lado, designa o estudo das unidades fraseológicas, por outro, significa o conjunto de combinações fraseológicas, cada um deles com estrutura semântica, sintática e pragmática específica, com diferentes tipos e graus diversos de integração de seus constituintes, pertencentes a um universo de discurso. Neste caso, os itens lexicais perdem seu significado original para obter um novo sentido em conjunto, em geral, com conotação cômica, trágica, emotiva ou crítica. Trata-se de uma unidade mentalmente armazenada, à semelhança de uma palavra, que se caracteriza pela polilexicalidade e pela relativa fixidez.

Xatara (2004, p. 267), considerando os estudos de Bally, em 1951, afirma que a fraseologia, enquanto ciência, é uma sub macro área da Lexicologia, que se subdivide em dois campos: na fraseologia popular (para estudar os idiomatismos, as colocações,

³ Traduzindo: “as unidades fraseológicas (UFS) – objeto de estudio da fraseologia – são unidades léxicas formadas por mais de duas palavras gráficas em seu limite inferior, cujo limite superior se situa no nível da oração composta. Estas unidades se caracterizam por sua alta frequência de uso, e de co-ocorrência de seus elementos integrantes; por sua institucionalização, entendida em termos de fixação e especialização semântica; por sua idiomatidade e variação potenciais; assim como pelo grau em que se dão todos estes aspectos nos diferentes tipos.

os provérbios, as gírias e afins), e na fraseologia técnico-científica (voltada para as expressões terminológicas). “Essa classificação é *grosso modo* corroborada pelo alemão Thun (1975), um dos principais seguidores de Bally, e por Zuluaga (1980), Carneado Moré (1985) e Tristá (1988), linguistas inspirados, sobretudo, pelos estudos dos fraseólogos russos” (Xatara, 2004, p. 267). A partir dessas pesquisas iniciais, estudaram-se os princípios de disposição e de processamento do material lexicográfico e inclusão das unidades fraseológicas nos dicionários gerais. Assim como se aprofundaram os critérios de seleção, distribuição e definição destas unidades.

No Brasil, também se constata um crescimento significativo nos estudos das unidades fraseológicas do português, até mesmo em contraste com outras línguas. A título de exemplo, destacam-se os trabalhos de: Camargo e Steinberg (1986), Tagnin (1989), Xatara (1994, 1998), Roncolato (1996, 2001), Ortiz Alvarez (2000), Vale (2002) e Riva (2009). As pesquisas avançaram por diversos segmentos dentro da fraseologia, desde a elaboração de dicionários especiais, monolíngues ou bilíngues como, por exemplo, o *Novo PIP – Dicionário de provérbios, idiomatismos e palavras em uso francês-português/português-francês* (Xatara; Oliveira, 2008), até aos estudos sobre diferentes tipos de organização dessas unidades fraseológicas nos dicionários. O crescente mapeamento dessas unidades reforça o aprimoramento das tecnologias computacionais utilizadas para lidar com elas nos diversos tipos de *corpora* disponíveis online. Uma das motivações para o desenvolvimento dos estudos sobre fraseologia é a limitação física dos dicionários gerais, sendo necessário constituir dicionários especializados em fraseologismos para dar conta das unidades mais extensas. Ortiz Alvarez (2012) ressalta que:

É através da fraseologia que as singularidades de uma língua e a maneira de pensar de uma comunidade melhor se refletem, pois as unidades que a compõem descrevem o mundo real, as experiências quotidianas, o colorido e a sabedoria de um povo, tornando-se num importantíssimo veículo de identidade e de cultura (Ortiz Alvarez, 2012, p. 11).

Daí a importância de se estudarem as unidades fraseológicas. Elas constituem uma riqueza linguística essencial, pois trazem o conhecimento da história e da cultura de um povo, bem como as situações que motivam o seu uso. Para Klare (1986):

Estes elementos desempenham um papel essencial no aumento da expressividade de enunciados e textos, eles servem para a elevação da capacidade de matizar os textos falados e escritos. Não é raras vezes que o

aumento da expressividade se baseia nas imagens contidas nos fraseologismos, na sua metafórica (Klare, 1986, p. 357).

Em sua maioria, as unidades fraseológicas são tão difundidas na comunidade linguística, que é possível compreender a linguagem metafórica da mensagem, mesmo sem ter conhecimento de como surgiu a expressão. Para tanto, pressupõe-se uma competência semântica para decodificá-la, pois a mensagem, geralmente, apresenta-se subentendida. Muitas das unidades fraseológicas são oriundas de experiências verídicas. Trata-se de um legado cultural de origem popular ou erudita, transmitido quase sempre oralmente de geração a geração. Essas lições, muitas vezes, são repassadas em forma de adágio. Eulálio Motta utilizou dessas expressões para compor os seus textos como, por exemplo, no *causo Novidade*:

– Quá, minha comade, tá se veno logo que vamicê nan cunhece aquilo. Aquilo é gente no mundo?! Cuncerta não! Cuncerta nunca não!
E concluío:
– *Quem nace pra cachorro morre latino.*
Achei muito interessante esta variante do velho adágio: – “*Pau que nace tôrto, torto fica*”.
E dias depois, achando-me em Mundo Novo, contava-a eu a alguns amigos, como novidade novinha em fôlha. E tive a surpresa de saber, pelos meus amigos, que a frase é velha, muito conhecida... Fiquei aborrecido de ter bancado o contador de novidade velha. (Motta, 2016 [1933], p. 85-86, grifo nosso).

Eulálio Motta, enquanto narrador, ressalta a sua surpresa diante de um adágio que ele não conhecia. Apesar disso, consegue compreender a mensagem, pois o uso repetitivo perante o mesmo contexto faz com que o ouvinte assimile como verdade, nesse caso, “*Quem nace pra cachorro morre latino*” refere-se a um sujeito incorrigível.

Para se definir uma unidade fraseológica, é necessário estabelecer critérios. Segundo Klare (1986), os critérios já aplicados são, sobretudo, de natureza semântica. Assim, sugere:

[...] a idiomaticidade, a estabilidade e a lexicalização, quer dizer, a acumulação no léxico e a reproduzibilidade assim possível do todo como complexo. Considerados isolados estes critérios são insuficientes para a determinação dos fraseologismos, normalmente devem ser cumpridos todos pela locução em questão (Klare, 1986, p. 358).

Estas características foram corroboradas por Corpas Pastor (1996). Para ela, a idiomaticidade é um dos principais aspectos de uma unidade fraseológica, segundo a qual o significado global não é dedutível do significado isolado de cada um de seus

elementos constitutivos, podendo haver mais ou menos discordância. As unidades fraseológicas podem apresentar dois tipos de significados: denotativo literal e o denotativo figurativo. Este, conhecido como idiomático, é produto de processos metafóricos e metonímicos e está presente na maior parte das unidades. “En este sentido, conviene recordar que no todas las unidades fraseológicas son idiomáticas, pues se trata de una característica potencial, no esencial, de este tipo de unidades”⁴ (Corpas Pastor, 1996, p. 27).

O segundo critério refere-se à estabilidade, da qual implica a fixação dos constituintes da UF, ou seja, quando se consolida o uso e o significado não requer análise. Já o terceiro critério refere-se à acumulação dessas unidades no vocabulário de uma língua, à sua lexicalização. Mesmo sendo caracterizadas pela fixação formal e semântica, as unidades fraseológicas podem sofrer variações em sua estrutura. Corpas Pastor (1996), sinaliza dois tipos:

Al primer tipo corresponden aquellas variaciones concernientes al uso de preposiciones, artículos, número y orden de constituyentes, formas acortadas de constituyentes o número gramatical de los mismos, que no cambian la organización interna de las unidades fraseológicas [...] En el segundo tipo se encuadran sinónimos fraseológicos que se distinguen por la congruencia estructural completa y la identidad parcial del componente léxico⁵ (Corpas Pastor, 1996, p. 28).

Estas possibilidades de variação foram identificadas no *Vocabulário de Eulálio Motta*. Como exemplo do primeiro tipo: *muita água ainda tenha de rolar debaixo da ponte* (Motta, 2015b [1982], p. 299). A expressão significa ‘levar muito tempo’ e a forma mais usual seria: *Passar muita água debaixo da ponte*. No segundo tipo, tem-se os sinônimos fraseológicos. Eulálio Motta usou: *vendeu urubu por galinha* (Motta, 2015 [1966], p. 264), sendo que a expressão mais usual é *vender gato por lebre*. Além dos elementos pontuados, Corpas Pastor (1996, p. 21) destacou que o uso, a repetição e a frequência de ocorrência de uma unidade fraseológica levam a sua institucionalização.

Precisamente esta institucionalización caracteriza las producciones lingüísticas de los hablantes, los cuales, por lo general, no van creando sus

⁴ Traduzindo: “Neste sentido, convém lembrar que nem todas as unidades fraseológicas são idiomáticas, pois se trata de uma característica potencial, não essencial, deste tipo de unidades”.

⁵ Traduzindo: “Ao primeiro tipo correspondem aquelas variações concernentes ao uso de preposições, artigos, número e ordem dos constituintes, formas abreviadas de constituintes ou número gramatical dos mesmos, que não mudam a organização interna das unidades fraseológicas [...] No segundo tipo se enquadram sinônimos fraseológicos que se distinguem pela congruência estrutural completa e a identidade parcial do componente léxico”.

propias combinaciones originales de palabras al hablar, sino que utilizan combinaciones ya creadas y reproducidas repetidamente en el discurso, que han sido sancionadas por el uso⁶ (Corpas Pastor, 1996, p. 22).

Em resumo, as cinco características consideradas essenciais para determinar uma combinação de palavras como uma unidade fraseológica são: i) ser formada por várias palavras; ii) estar institucionalizada, ou seja, convencionada devido ao uso frequente; iii) possuir estabilidade, visto que seus componentes mantêm certa ordem; iv) apresentar algumas particularidades semânticas ou sintáticas; e v) ser passível de modificações nos elementos que as integram.

As unidades fraseológicas podem ser agrupadas em diferentes classes, de acordo com o ponto de vista adotado pelo pesquisador. Welker (2011), ao tratar dos tipos de fraseologismos, assinala que para o fraseólogo suíço Harald Burger, em 1998, existe um consenso de que “a fraseologia abrange uma grande variedade de combinações de palavras, desde colocações até provérbios” (Welker, 2011, p. 139). A partir de uma concepção mais ampla, destaca-se neste trabalho a classificação de Corpas Pastor (1996, p. 32-52), que propõe uma nova taxonomia das unidades fraseológicas, baseada nas discussões de Casares (1950), Coseriu (1966), Thun (1978), Zuluaga (1980), Haensch et al. (1982), Carneado Moré (1985) e Tristán Pérez (1979; 1985; 1988), e adota como critérios básicos:

(1) elemento oracional u oración completa; (2) fijación en el sistema, en la norma o en el habla; (3) fragmento de enunciado o enunciado completo; (4) restricción combinatoria limitada o total; y (5) grado de motivación semántica⁷ (Corpas Pastor, 1996, p. 50).

Com base nos critérios elencados, Corpas Pastor (1996, p. 52) classifica as unidades fraseológicas em três esferas: Esfera I – Colocações; Esfera II – Locuções; e Esfera III – Enunciados fraseológicos (parêmsias e fórmulas de rotina). A classificação de uma unidade fraseológica a uma determinada esfera depende de sua fixação no sistema, na norma ou na fala, assim como de sua capacidade de constituir atos de fala e enunciados, por si mesma. Cada uma dessas esferas se subdivide em diversos tipos de unidades fraseológicas em virtude de uma série de critérios adicionais (categoria gramatical, função sintática, caráter de enunciado, independência textual etc.).

⁶ Traduzindo: “Precisamente esta institucionalização caracteriza as produções linguísticas dos falantes, os quais, geralmente, não vão criando suas próprias combinações originais de palavras ao falar, mas sim utilizam combinações já criadas e reproduzidas repetidamente no discurso, que foram sancionadas pelo uso”.

⁷ Traduzindo: “(1) elemento oracional ou oração completa; (2) fixação no sistema, na norma ou na fala; (3) fragmento de enunciado ou enunciado completo; (4) restrição combinatoria limitada ou total; e (5) grau de motivação semântica”.

A primeira e a segunda esfera compreendem as unidades fraseológicas que não constituem atos de fala ou enunciados de modo independente, necessitando combinar com outros elementos linguísticos. Este grupo não é homogêneo porque mescla unidades estáveis de fixação distintas, visto que, na esfera I, as colocações são combinações fixadas na norma e, na esfera II, as locuções são fixadas no sistema da língua.

De acordo com Corpas Pastor (1996, p. 53), as colocações são unidades fraseológicas que, do ponto de vista do sistema da língua, são sintagmas livres, gerados a partir de regras, mas que, ao mesmo tempo, apresentam certo grau de restrição combinatória determinada pelo uso, isto é, uma fixação interna. Essa restrição deve-se a “la tendencia sintáctico-semántica de las palabras aisladas de una lengua a adoptar tan sólo un número limitado de combinaciones con otras palabras entre una gran cantidad de posibles combinaciones”⁸ (Ettinger, 1982, p. 251). Para Salah Mejri (2012), “[...] une séquence est dite figée si elle connaît une fixeté totale ou partielle des règles de la combinatoire syntagmatique, de la commutativité paradigmaticque et de la compositionnalité sémantique”⁹ (Mejri, 2012, p. 143).

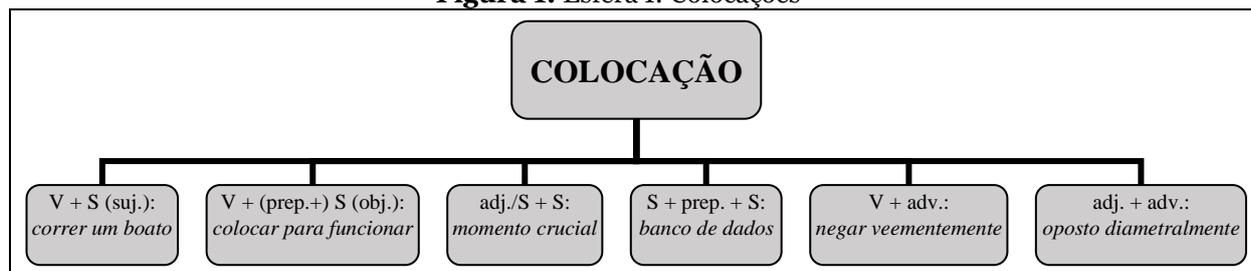
Nota-se que as colocações estão relacionadas aos fenômenos de restrição combinatória sintagmática em função do uso. Os falantes reconhecem as colocações como familiar e as empregam como se tratassem de um fragmento pré-fabricado. Dessa forma, na combinação dos elementos, a base e o colocado não possuem o mesmo *status* semântico, pois um determina e o outro é determinado. “Aquele que determina é chamado de base, que é o elemento autônomo, enquanto que o outro, o determinado, é chamado de colocado, que somente pode ser interpretado semanticamente quando na colocação” (Orenha-Ottaiano, 2012, p. 152). Geralmente o colocado tem uma acepção especial, de caráter abstrato ou figurativo.

A partir da proposta de Benson et al., em 1986, e Hausmann, em 1989, Corpas Pastor (1996, p. 66-76) distingue seis tipos de colocações, como se vê abaixo:

⁸ Traduzindo: “a tendência sintático-semântica das palavras isoladas de uma língua a adotar tão somente um número limitado de combinações com outras palavras entre uma grande quantidade de possíveis combinações”.

⁹ Traduzindo: “[...] uma sequência é dita fixa se ela apresenta uma fixidez total ou parcial das regras da combinatória sintagmática, da comutatividade paradigmática e da composicionalidade semântica”.

Figura 1: Esfera I: Colocações



Fonte: Diagrama elaborado pela autora, a partir da classificação proposta por Corpas Pastor (1996). Os exemplos foram traduzidos, quando possível, ou adaptados para a Língua Portuguesa.

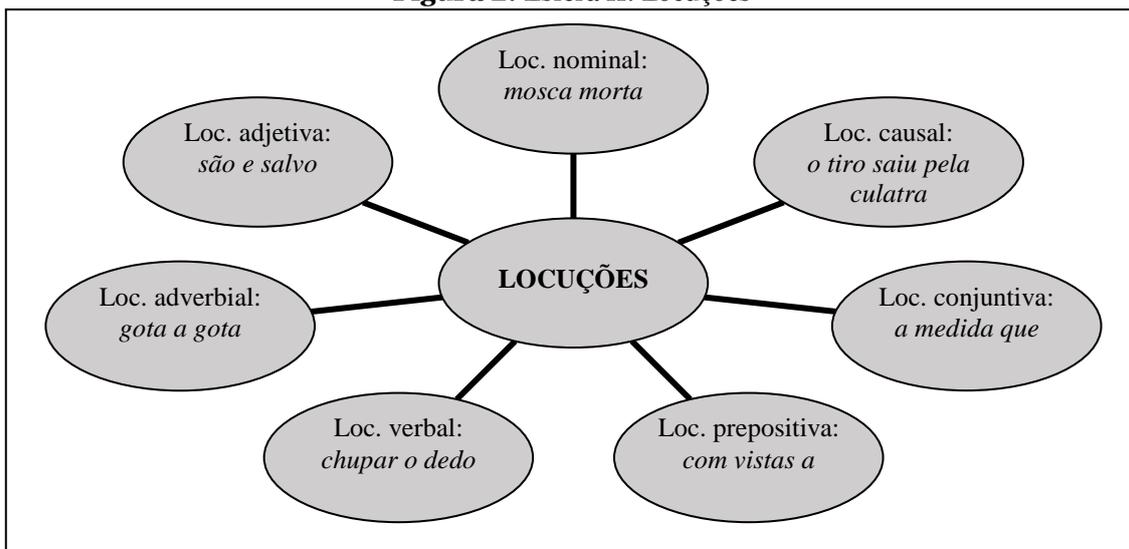
A restrição combinatória imposta pelo uso é o que distingue as colocações das combinações livres de itens lexicais ao nível da norma. As colocações não apresentam a artificialidade formal (recursos fônicos, disposições rítmicas, esquemas sintáticos etc.) nem os recursos próprios da maioria das unidades fraseológicas pertencentes às outras esferas. No entanto, existem os casos intermediários, compostos por verbos polissêmicos, cuja carga semântica adiciona determinados aspectos como começo, final, duração e causalidade. No *Vocabulário de Eulálio Motta*, por exemplo, tem-se uma colocação com o verbo ‘dar’: *A cuma tá dano?* (Motta, 2016 [1933], p. 92). Neste caso, a base é o ‘como’ e o colocado ‘está dando’ significa ‘o valor’, ou seja, ‘quanto custa’. Essa interpretação semântica só é possível diante do contexto, uma feira livre onde o consumidor busca saber o preço da mercadoria (feijão, açúcar etc.). Outros exemplos de colocações com a base ‘como’, identificados no *Vocabulário de Eulálio Motta*, que podem ser citados são: *a cuma é isto, cuma foi, cuma tá e cuma lá se diz*.

As locuções, por sua vez, são definidas por Casares (1992 [1950]) como “combinación estable de dos o más términos, que funciona como elemento oracional y cuyo sentido unitario consabido no se justifica, sin más, como una suma del significado normal de los componentes”¹⁰ (Casares, 1992 [1950], p. 170). Essas unidades fraseológicas apresentam fixação interna, unidade de significado e não constituem enunciados completos. Fixadas no sistema da língua, se diferenciam das colocações, fundamentalmente, por sua institucionalização, sua estabilidade sintático-semântica e sua função denominativa.

Corpas Pastor (1996, p. 93-110) classifica sete tipos de locuções (cf. Figura 2) pela função oracional que desempenham, independentemente de serem comutáveis por palavras simples ou por sintagmas, considerando sempre o núcleo do sintagma para essa classificação.

¹⁰ Traduzindo: “combinação estável de dois ou mais termos, que funciona como elemento oracional e cujo sentido unitário usual não se justifica, sem mais, como uma soma do significado normal dos componentes”.

Figura 2: Esfera II: Locuções



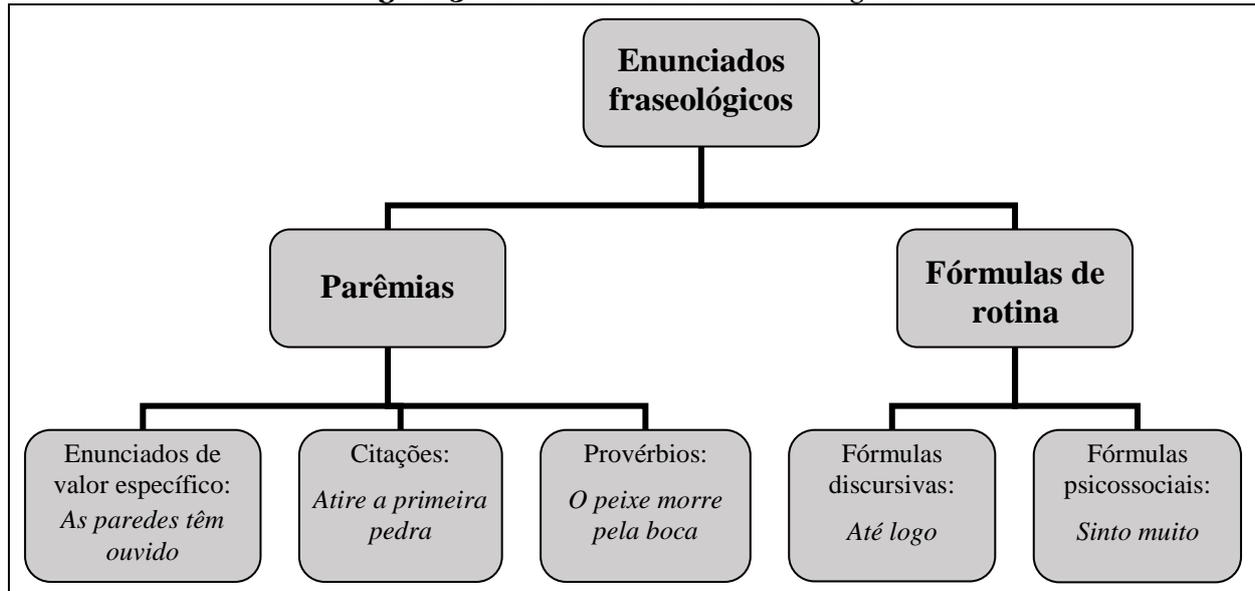
Fonte: Diagrama elaborado pela autora, a partir da classificação proposta por Corpas Pastor (1996). Os exemplos foram traduzidos, quando possível, ou adaptados para a Língua Portuguesa.

Assim, distinguem-se locuções nominais, adjetivas, adverbiais e verbais, que podem substituir as mesmas funções sintáticas. Em alguns casos, o critério de classe revela uma grande diversidade estrutural. Incluem-se também as locuções prepositivas, conjuntivas e causais. Estas são formadas por vários sintagmas, sendo um deles verbal como, por exemplo, *saiu o tiro pela culatra* (Motta, 2015b [1982], p. 299), ou seja, ‘recebeu um dano quando pensava em causá-lo’.

Corpas Pastor (1996, p. 273) salienta que as locuções pertencem a estruturas paradigmáticas específicas, ou seja, a campos léxicos determinados, onde entram em oposição com outras UF e com outras palavras pertencentes a esse mesmo campo léxico, com as quais apresentam relações de sinonímia, antonímia e polissemia.

Por outro lado, na esfera III, enquadram-se os enunciados fraseológicos, que são unidades fixadas na fala, pertencentes ao acervo sociocultural da comunidade. São fórmulas coletivas, e tradicionais que espelham a mentalidade de um povo, assim como seus costumes, crenças e estados afetivos. Constituem atos de fala realizados por enunciados completos, dependendo ou não de uma situação específica. São enunciados autônomos, que apresentam fixação interna, de forma (estrutural) e de conteúdo (semântica), e também externa, relacionada com a situação ou posição que ocupam no acervo linguístico de uma determinada cultura. Dentro dessa esfera, Corpas Pastor (1996, p. 132-133) distingue as parêmiias e as fórmulas de rotina:

Figura 3: Esfera III: Enunciados fraseológicos



Fonte: Diagrama elaborado pela autora, a partir da classificação proposta por Corpas Pastor (1996). As nomenclaturas e os exemplos foram traduzidos, quando possível, ou adaptados para a Língua Portuguesa.

Tanto as parêmias como as fórmulas de rotina se diferenciam fundamentalmente pelo fato de as parêmias possuírem significado referencial (fixação referencial) e terem autonomia textual, enquanto que as fórmulas de rotina apresentam significados do tipo social, expressivo ou discursivo, sendo determinadas por situações e circunstâncias concretas.

Corpas Pastor (1996, p. 135) afirma que optou pelo termo *paremia* porque é sinônimo de refrão e hiperônimo dos subtipos desta categoria, além de ser usada na filologia espanhola como termo abarcador ou em sinonímia com outras denominações. Segundo a autora, “el término designa distintos subtipos, entre los cuales se hallan parte de los refranes (aforismos, sentencias, adagios, etc.), las citas, los lugares comunes, los eslóganes, o los enunciados de valor específico”¹¹ (Corpas Pastor, 1996, p. 135-136). Ao sistematizar a sua classificação, Corpas Pastor (1996, p. 270) destacou três tipos de parêmias: os *enunciados de valor específico*, as *citações* e os *provérbios*.

Os *enunciados de valor específico* são unidades fraseológicas de estrutura oracional, com caráter de enunciado, sendo o núcleo verbal conjugado de acordo com o tempo, a pessoa e o modo, como em: *agua qui não cae do ceo* (Motta, 2016 [1933], p. 98), referindo-se à ‘cachaça’. As *citações*, por sua vez, são enunciados extraídos de

¹¹ Traduzindo: “o termo designa distintos subtipos, entre os quais fazem parte os refrãos (aforismos, frases, adágios, etc.), as citações, os clichés, os slogans ou os enunciados de valor específico”.

texto escritos ou falados por personagens, reais ou fictícios, da literatura nacional e internacional, fragmentos bíblicos e de autores clássicos etc. Apesar de ter uma procedência variada, a *citação* diferencia-se do *provérbio*, fundamentalmente, por ter uma origem conhecida. Quase todas as citações apresentam um conteúdo denotativo de caráter literal, com valor de verdade. No entanto, é necessário que os interlocutores conheçam a citação, caso contrário, perde-se o efeito.

Eulálio Motta fez uso de citações, principalmente, em seus panfletos. A título de exemplo, no panfleto *Décimo aniversário*, publicado em 2 de abril de 1974, em comemoração ao aniversário da Ditadura Militar, Eulálio Motta cita um versículo bíblico do Novo Testamento (2Pedro, II, 22): *os cães querem voltar ao vômito, os porcos querem voltar à lama* (Motta, 2015 [1978], p. 294). Esta citação foi utilizada referindo-se aos comunistas que queriam voltar a praticar hábitos, considerados pelo escritor, aterrorizantes.

Os *provérbios* são unidades fraseológicas de origem desconhecida. Segundo Corpas Pastor (1996), “es la paremia por excelencia, pues en él se dan las cinco características definitorias mencionadas anteriormente: lexicalización, autonomía sintáctica y textual, valor de verdad general y carácter anónimo”¹² (Corpas Pastor, 1996, p. 148). Ainda segundo a autora, essas unidades têm recebido muitas denominações: refrão, provérbio, ditado, máxima, adágio, aforismo, apotegma ou sentença. De acordo com Xatara e Parreira (2011, p. 80), o provérbio é uma unidade léxica fraseológica fixa e, consagrada por determinada comunidade linguística, recolhe experiências vivenciadas em comum e as formula como um enunciado conotativo, sucinto e completo, empregado com a função de ensinar, aconselhar, consolar, advertir, persuadir etc., como em *Quem não chora não mama* (Motta, 2015 [1978], p. 294), ou seja, ‘se você não pedir, ninguém vai te dar’.

O segundo tipo de enunciado fraseológico, pertencente à terceira esfera da classificação de Corpas Pastor (1996, p. 170), são as *fórmulas de rotina*. Trata-se de unidades fraseológicas da fala, com caráter de enunciado, mas que não têm autonomia textual. São fórmulas de interação social habitual e estereotipada, que dependem de situações específicas para se concretizarem. Todas têm uma estrita relação com o contexto e necessitam dele para serem utilizadas e compreendidas. As

¹² Traduzindo: “é a parêmia por excelência, pois nele ocorrem as cinco características definitórias mencionadas anteriormente: lexicalização, autonomia sintática e textual, valor de verdade geral e caráter anônimo”.

fórmulas de rotina subdividem-se em *fórmulas discursivas* e *fórmulas psicossociais* (Corpas Pastor, 1996, p. 186).

As *fórmulas discursivas* têm a função de organizar o discurso e manter a fluidez da comunicação. Distinguem-se em: 1. Fórmula de abertura “– Sêo doutô! *Descurpe incomodá* Vossa Senhoria uma hora dessa!” (Motta, 2016 [1933], p. 95) e fórmula de encerramento, sendo que nem todas são necessariamente de despedida, “[...] muito de coração, *lhe agradeço*” (Motta, 1931, p. 6); e 2. Fórmula de transição “– *Mas o que é que ha?* Tomou as capsula?” (Motta, 2016 [1933], p. 95).

As *fórmulas psicossociais* desempenham a função de facilitar o desenvolvimento normal da interação social e estão relacionadas à expressão dos sentimentos do emissor. Deve-se levar em conta que a carga semântica dessas unidades está em função do uso, o qual as diferencia em:

1. Fórmulas expressivas de desculpa, de consentimento, de negação, de agradecimento, de desejar sorte, de solidariedade e de indiferença – o emissor expressa sua atitude e seus sentimentos – como, por exemplo, “É-me forçoso *pingar o ponto final*” (Motta, 1932, p. 6);
2. Fórmulas comissivas de promessa e de ameaça – refere-se ao futuro, uma atitude que o emissor irá tomar – “*Vem, danado, vem!* Eu te passá-lhe o pilunga de mucambo na cabeça” (Motta, 2016 [1933], p. 154);
3. Fórmulas diretivas de exortação, de informação e de ânimo – têm o objetivo de persuadir o receptor – *Pode sê* que amiore, comade, *pode sê* que desta veis êle tome juizo” (Motta, 2016 [1933], p. 85);
4. Fórmulas assertivas de asseveração e emocionais – reforça a veracidade da informação – “*Pur Jisúis* que aquilo né mais corrê. Aquilo já é é avoá!” (Motta, 2016 [1933], p. 82);
5. Fórmulas de rituais de saudação (bom dia, boa tarde, boa noite) e de despedida – relacionam-se com as sequências de abertura e encerramento do ato comunicativo – “Vai chegando, suado, com o seu ‘*boa tarde pra vosmincês*’” (Motta, 2015 [1972], p. 273);
6. Miscelânea – fórmula com a qual o emissor enfatiza que uma coisa não pode estar mais clara e fácil de compreender – “É claro que não vou cometer a tolice de prometer não publicar mais tais crônicas” (Motta, 2015a [1982], p. 300).

Os exemplos apresentados para as fórmulas de rotina remetem ao *corpus* estabelecido, apesar de serem unidades fraseológicas da fala, porque Eulálio Motta deu voz aos personagens nos seus textos e, por vezes, tratam-se de reproduções de diálogos de que ele participou ou presenciou. Ele soube utilizar as unidades fraseológicas com propriedade e assim enriquecer os seus textos como, por exemplo, *em cima das buchas, entregues ao Deus dará, certinhas como boca de bode, golpe do punhal de Brutus, dia da onça beber água, abraço de tamanduá* entre outras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As unidades fraseológicas identificadas no *Vocabulário de Eulálio Motta* evidenciam as marcas linguísticas do escritor e de seu entorno sociocultural, pois remetem ao cotidiano do homem sertanejo do município de Mundo Novo e regiões circunvizinhas. A seleção lexical empreendida por ele, na elaboração de seus textos, retrata a sua visão de mundo, a sua formação intelectual, ao mesmo tempo em que documenta a cultura e a história de um grupo social em uma determinada época.

As pesquisas voltadas para os usos linguísticos de escritores canônicos e não canônicos têm possibilitado um maior conhecimento sobre o autor, a sua produção bibliográfica e redimensionado os estudos sócio-históricos, políticos e culturais de sua região. Nesse sentido, o presente estudo buscou contribuir para a preservação de costumes e valores culturais do homem sertanejo, expresso no seu uso da língua, e corroborar a importância de se preservar, através de textos literários, a cultura, a língua e a história local do povo sertanejo do Semiárido Baiano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BARREIROS, Liliâne L. S. *Vocabulário de Eulálio Motta*. 36of. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2017.
2. BARREIROS, Liliâne L. S. *Bahia Humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016.
3. BARREIROS, Liliâne L. S. *Bahia Humorística de Eulálio de Miranda Motta: edição e estudo lexical de causos sertanejos*. 181f. Dissertação (Mestrado em

- Estudo de Linguagens) – Departamento de Ciências Humanas, campus I, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2012.
4. BARREIROS, Patrício N. *O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015.
 5. BARREIROS, Patrício N. *O pasquineiro da roça: edição dos panfletos de Eulálio Motta*. 325f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.
 6. BIDERMAN, Maria Tereza C. Unidades complexas do léxico. In: RIO-TORTO, Graça; FIGUEIREDO, Olívia Maria; SILVA, Fátima. (Org.). *Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*. V. 2. Porto: Faculdade de Letras do Porto, 2005, p. 747-757. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4603.pdf>>. Acesso em: 27. fev. 2017.
 7. CAMARGO, Sidney; STEINBERG, Martha. *Dicionário de expressões idiomáticas metafóricas inglês-português*. São Paulo: McGraw-Hill, 1986.
 8. CASARES, Julio. *Introducción a la lexicografía moderna*. 3 ed. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1992 [1950].
 9. CORPAS PASTOR, Gloria. *Manual de fraseología española*. Madrid: Gredos, 1996.
 10. ETTINGER, Stefan. Formación de palabras y fraseología en la lexicografía. In: HAENSCH, G. et al. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982, p. 233-258.
 11. HAENSCH, Günther. Tipología de las obras lexicográficas. In: HAENSCH, G. et al. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982a, p. 95-187.
 12. KLARE, Johannes. Lexicología e fraseología no português moderno. *Revista de Filología Románica*. Madrid, 1986, p. 355-360. Disponível em: <<https://revistas.ucm.es/index.php/RFRM/article/download/RFRM8686110355A/13195>>. Acesso em: 30 jul. 2016.
 13. MEJRI, Salah. Délimitation des unités phraséologiques. In: ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa. (Org.). *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. V. 1. São Paulo: Pontes, 2012, p. 139-156.

14. MOTTA, Eulálio de M. Sinha Cristina. In: BARREIROS, Liliane L. S. *Bahia Humorística: os causos sertanejos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016 [1933], p. 154-155.
15. MOTTA, Eulálio de M. Chove, não chove. In: BARREIROS, Liliane L. S. *Bahia Humorística: os causos sertanejos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016 [1933], p. 97-100.
16. MOTTA, Eulálio de M. Azul de Metileno I. In: BARREIROS, Liliane L. S. *Bahia Humorística: os causos sertanejos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016 [1933], p. 95-96.
17. MOTTA, Eulálio de M. O vendedor malicioso. In: BARREIROS, Liliane L. S. *Bahia Humorística: os causos sertanejos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016 [1933], p. 92.
18. MOTTA, Eulálio de M. Novidade. In: BARREIROS, Liliane L. S. *Bahia Humorística: os causos sertanejos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016 [1933], p. 84-87.
19. MOTTA, Eulálio de M. Vida sertaneja II. In: BARREIROS, Liliane L. S. *Bahia Humorística: os causos sertanejos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016 [1933], p. 82.
20. MOTTA, Eulálio de M. Fim de Papo. In: BARREIROS, Patrício N. *O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015a [1982], p. 300.
21. MOTTA, Eulálio de M. As Malvinas. In: BARREIROS, Patrício N. *O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015b [1982], p. 299.
22. MOTTA, Eulálio de M. Alto Bonito... In: BARREIROS, Patrício N. *O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015 [1978], p. 294.
23. MOTTA, Eulálio de M. A pergunta de Rafael. In: BARREIROS, Patrício N. *O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015 [1972], p. 273.
24. MOTTA, Eulálio de M. Data Histórica. In: BARREIROS, Patrício N. *O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta*. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015 [1966], p. 264.

25. MOTTA, Eulálio de M. Lenita. *Mundo Novo*, Mundo Novo-BA, ano 12, n. 204, p. 6, 5 fev. 1932.
26. MOTTA, Eulálio de M. Dois Livros. *Mundo Novo*, Mundo Novo-BA, ano 11, n. 193, p. 6, 6 nov. 1931.
27. ORENHA-OTTAIANO, Adriane. Semelhanças e diferenças entre colocações e colocações especializadas. In: ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa. (Org.). *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. V. 2. São Paulo: Pontes, 2012, p. 147-163.
28. ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa. Apresentação. In: ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa. (Org.). *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. São Paulo: Pontes, v. 1, 2012, p. 11-14.
29. ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa. *Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba: estudo contrastivo e implicações para o ensino do português como língua estrangeira*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada: Ensino/Aprendizagem de Segunda Língua e Língua Estrangeira) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2000.
30. POTTIER, Bernard. *Lingüística general: teoría y descripción*. Trad. Maria Victoria Cantalina. Madrid: Gredos, 1977 [1974].
31. RIVA, Huéinton Cassiano. *Dicionário onomasiológico de expressões idiomáticas usuais na língua portuguesa do Brasil*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto, 2009.
32. RONCOLATTO, Eliane. *Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol da Colômbia: análise, classificação e equivalências*. Tese (Doutorado em Letras – Filologia e Linguística Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2001.
33. RONCOLATTO, Eliane. *Estudo contrastivo das expressões idiomáticas do português e do espanhol*. Dissertação (Mestrado em Letras – Filologia e Linguística Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 1996.
34. SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

35. TAGNIN, Stella Esther O. *Expressões idiomáticas e convencionais*. São Paulo: Ática, 1989.
36. VALE, Oto Araújo. *Expressões cristalizadas do português do Brasil: uma proposta de tipologia*. Tese (Doutorado em Letras – Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2002.
37. WELKER, Herbert A. Colocações e expressões idiomáticas em dicionários gerais. In: ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa; UNTERNBÄUMEN, Enrique Huelva. (Org.). *Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológica*. São Paulo: Pontes, 2011, p. 139-159.
38. XATARA, Claudia Maria; PARREIRA, Maria Cristina. Elaborando um dicionário fraseológico informal: a coleção xeretando a linguagem. In: ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa; UNTERNBÄUMEN, Enrique Huelva. (Org.). *Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas*. São Paulo: Pontes, 2011, p. 77-92.
39. XATARA, Claudia Maria; OLIVEIRA, Wanda L. *Novo PIP – Dicionário de provérbios, idiomatismos e palavras em uso francês-português / português-francês*. São Paulo: Cultura, 2008.
40. XATARA, Claudia Maria. As unidades fraseológicas e terminológicas em dicionários bilíngues gerais. In: ISQUERDO, Aparecida N.; KRIEGER, Maria da Graça (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2004, v. 2, p. 267-273.
41. XATARA, Claudia Maria. *A tradução para o português de expressões idiomáticas em francês*. Tese (Doutorado em Letras – Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 1998.
42. XATARA, Claudia Maria. *As expressões idiomáticas de matriz comparativa*. Dissertação. (Mestrado em Letras – Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 1994.

Recebido em: 10/06/2017

Aceito em: 20/07/2017